2.

ORAÇAÕ FUNEBRE,

PANEGYRICA, E HISTORICA

NAS REAES EXEQUIAS, QUE CELEBRARAM os Irmãos da Veneravel Irmandade do Principe dos Apostolos S. Pedro, da Cidade do Rio de Janeiro.

A' INSTANCIA

DO EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. Fr. ANTONIO DO DESTERRO,

Bispo da mesma Cidade, seu perpetuo Proctetor;

A' SAUDOSA MEMORIA

DO SERENISSIMO, E FIDELISSIMO SENHOR

REY DE PORTUGAL

D. JOAÕ V.

RECITADA, E OFFERECIDA

A ELREY NOSSO SENHOR

D. JOSEPH I.

PELO M. R. DOUTOR

IGNACIO MANOEL DA COSTA MASCARENHAS,

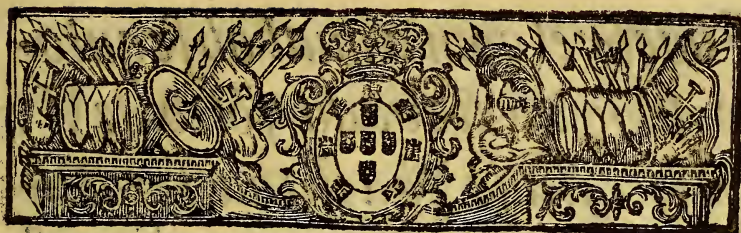
Vigario Collado da Parochial de N. Senhora da Candellaria, Examinador Synodal, natural da mesma Cidade.

No dia 26 de Fevereiro de 1751.

LISBOA:

Na Officina dos Herd. de ANTONIO PEDROZO GALRAM;

ANNO DE M. DCC. LI.

Com todas as licenças necessarias.

SENHOR.

Ustamente me persuado, que para se authorisar esta minha Oraçaõ

Funebre (com a qual obſequioſo ſubo ao elevado ſólio de V. Mageſtade) baſtava ſer della ſublime aſſumpto o Auguſtiſſimo, e Fideliſſimo *Senhor* Rey D. Joaõ o V. *Monarca de taõ diſtinta gloria entre os mayores do Mundo, que ſem excepçaõ de nenhum chegou a ſer pelas ſuas heroicas virtudes, e admiraveis acçoens, o exemplar de todos: e até depois da morte ſe conſerva taõ viva a memoria dos ſeus acertados procedimentos, que ſerá ſuper-*

abun-

*abundante, para o consti-
tuir interminavel modélo de
Principes com superiores
ventagens a Salamaõ, que
a respeito dos outros Mo-
narcas da terra se exaltou
mais, e só em comparaçaõ
do Sabio, e pacifico Rey, di-
gnissimo Pay de V. Mages-
tade, veyo a ser menos. Mas
para que a V. Magestade se-
ja patente o verdadeiro co-
nhecimento, que no Mundo
se conserva desta sincera
verdade, e para que tambem
conste, que neste famoso Em-
porio*

porio de noſſa America, ainda que muito diſtante da cabeça da Monarquia, ſentimos ſem differença o penetrante golpe, que igualmente ferio a todos os coraçoens Portuguezes, com o joelho em terra, pelo modo, que me he poſſivel, ponho na Real preſença de V. Mageſtade a minha Funebre Oraçaõ: e eſpero, que por eſte novo titulo de ſer victima offerecida em taõ ſagradas aras, merecerá aquella aceitaçaõ, que devo deſejar, naõ ſó para

ra

ra honra minha, mas para gloria do meſmo Fideliſſimo Rey defunto; que para a noſſa bem fundada ſaudade nos deixou o melhor lenitivo na eſtimabiliſſima Peſſoa de V. Mageſtade, a quem com excellencias de Pay amamos, com reſpeitos de Senhor obedecemos.

Ignacio Manoel da Coſta Maſcarenhas.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Joseph Pereira de Santa Anna, Religioso da Ordem de N. Senhora do Carmo, Jubilado na Sagrada Theologia, e na mesma Faculdade Doutor pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, Ex-Provincial, e Chronista Geral da sua Ordem nestes Reynos, e seus Dominios.

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

VI o Sermaõ, que nas solemnes Exequias do Augustissimo, e Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ V, celebradas na Cidade do Rio de Janeiro pela florentissima Irmandade do Princepe dos Apostolos S. Pedro, prégou o M. R. Doutor Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, Vigario Collado da Parochial Igreja de N. Senhora da Candelaria, Varaõ igualmente conhecido pelas sciencias, e respeitado pelas virtudes, naõ só nos limites da Patria, onde existe, desempenhando os authorisados empregos, que como hum dos mais dignos Ecclesiasticos della exercita; mas neste Reyno, onde a Universidade de Coimbra lamentou a sua ausencia, por ver que perdia hum dos mais graves talentos, que a frequentáraõ; e a Corte de Lisboa o applaudio por consumado no exercicio das mesmas sciencias, das quaes foy muitas

vezes provado, e ſempre glorioſamente conſeguio ſuperiores triunfos. Eſte elegante Sermaõ he huma das mais evidentes demonſtraçoens, que póde offerecer para abono da ſua grande Literatura; porque ſe acha taõ ſingularmente compoſto, e ornado de taõ eſpecial erudiçaõ, que póde ſervir de exemplar a quem deſeja acertar em ſemelhantes aſſumptos. Eſtas ſaõ as obras, para as quaes naõ baſtaõ vulgares elogîos; porque ſe conſtituem benemeritas de applauſos mayores. Porém attendendo eu a que o Author por ſi meſmo ſe recomenda, e que naõ devo exceder os preceitos de Cenſor, deixando o muito que poderia dizer a reſpeito do elevado merecimento do Sermaõ, concluo certificando a Voſſas Illuſtriſſimas, que he por todos os titulos digno de ſer impreſſo, principalmente, porque nada contêm contra a noſſa Santa Fé, e bons coſtumes: Carmo de Lisboa 28 de Setembro de 1751

Doutor Fr. Joſeph Pereira de Santa Anna.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir o Sermaõ de que ſe trata, e depois voltará conferido para ſe dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrá: Lisboa 28 de Setembro de 1751

Fr. Rodr. Lencaſtre. Sylva. Abreu. Almeida. Trigoſo.

DOOR-

DO ORDINARIO.

Approvaçaõ do M, R. P. Doutor Joseph Thomàs Borges, Presbytero Secular, &c.

EX.mo E REV.mo SENHOR.

OBedecendo a ordem de V. Excellencia, vi a Oraçaõ Funebre, Panegyrica, e Historica, recitada nas Reaes Exequias, que celebraraõ á saudosa memoria do Augustissimo, e Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ o V, de gloriosa recordaçaõ, os Irmãos da Veneravel Irmandade do Principe dos Apostolos, da Cidade do Rio de Janeiro, &c. Naquella acçaõ observo praticados hum desempenho illustre, e hum acerto digno de louvor immortal. Desempenharaõ estes venerandos Sacerdotes as primorosas obrigaçoens de Vassalos devidas a hum Monarca, que mais foy Pay, do que Senhor dos mesmos Vassallos; de hum Principe, que no Throno soube unir com a piedade a sabedoria. Distinguiraõ-se porém de todos os mais Vassalos na sumptuosidade, e Magestade da mesma funeral pompa; considerando, que todo o excesso era inferior ao merecimento de hum Soberano dotado de animo, naõ só Regio, mas tambem Sacerdotal, e em cuja fidelidade magnanima, e verdadeiramente Christãa, havia na sua Igreja o mais constante presidio. Como Sacerdotes de huma Congregaçaõ, que tem por Titular, e Patrono o Soberano Principe do Collegio Apostolico, se animaraõ para o desempenho a seguir com glo-

rioſa emulaçaõ o exemplo do meſmo Santiſſimo Pontifice. Era elle, nas Peſſoas de ſeus glorioſiſſimos Succeſſores, devedor aos filiaes reſpeitos, e reverentes obſequios do noſſo ſuſpirado Monarca. Tanto os reconheceo dignos da ſua eſpecial protecçaõ, que no ſeu dia natalicio, a 29 de Junho de 1742, experimentou o Fideliſſimo Monarca deſvanecidos, e naõ ſem portento, os funeſtos ſymptomas, que prognoſticavaõ a mayor infelicidade: reſuſcitando quaſi do ſepulchro á preciſa vida, de que eſtavaõ pendentes as eſperanças dos Vaſſallos. E no dia 31 de Julho de 1750; luctuoſo ſempre para a noſſa ſaudade; ás ſete horas, e hum quarto da tarde, havendo tido jà principio a ſolemnidade das Cadêas do ſagrado Apoſtolo, franqueou ao noſſo Soberano, como piedoſamente cremos, a porta, naõ de ferro, como a da antiga Jeruſalem; mas de precioſas margaritas da Triunfante ſuſpirada Jeruſalem.

Illuſtre deſempenho na verdade os deſtes Inclitos Sacerdotes; mas naõ de menor credito o ſeu grande acerto! Eſte ſe admirou na ſábia eleiçaõ, que fizeraõ do Orador para aquellas ſumptuoſas, e Reaes Exequias. Elegeraõ ao M.R. Doutor Ignacio Manoel da Coſta Maſcarenhas, Vigario Collado da Parochial da Candelária, e Examinador Synodal; preferindo-o a outros Irmãos da ſua florentiſſima Irmandade, de applaudida literatura, de acclamada eloquencia, de fama acreditada.

Sorprendido da grandeza do objecto o famoſo Orador, lembrou-ſe daquelles Princepes mais Auguſtos, e mais recomendados á admiraçaõ da Poſteridade, de que fazem memoria as Divinas Le-

trás,

tras, e lhe pareceo entre todos Salamaõ o mais proprio. Pelas regias prerogativas daquelle Soberano commenſurou a grandeza, a multidaõ, e o eſplendor das acções ſublimes, com que reſplandeceo a glorioſa vida, e feliz reinado do noſſo Fideliſſimo Monarca, com tanta differença, que chegou com evidencia a moſtrar, que ao Salamaõ de Iſrael excedera em gloria o Coroado Salamaõ de Portugal.

A quatro prerogativas reduzio o Eccleſiaſtico o elogîo do Salamaõ da Caſa de David; intitulando-o Pacifico, Magnifico, Opulento, e Sabio. Nas meſmas comprehendeo o Orador as principaes glorias do Auguſto Salamaõ da Real Caſa de Bragança. Foy Rey Pacifico o Senhor Rey D. Joaõ o V; porque livre da ambiçaõ, que ordinariamente domina, e naõ poucas vezes rende os animos dos mais Poderozos Soberanos, unicamente attendeo ao bem publico; elegendo antes o arbitrio de conſervar o ſangue dos Vaſſallos, do que a maxima de derramar o dos inimigos: Foy Magnifico; porque dotado de huma magnificencia verdadeiramente Chriſtãa, ſoube ordenar todas as emprezas do ſeu magnanimo coraçaõ, naõ a ſi para incentivo da vangloria; ſómente a Deos para honra, á Igreja para eſplendor, e á Republica para utilidade. Foy opulento, e taõ opulento, como Senhor do ouro de hum Mundo novo; mas ſendo tanta a ſua opulencia, ainda foy mayor a ſua liberalidade, porque chegou a eſgotar os theſouros de todo eſſe, e mais Mundos. Foy Sábio, naõ por vãa curioſidade; como outros Soberanos; quaſi por profiſſaõ, levando-o o deſejo de ſaber ao ſuave ocio das letras, que poſſuhio com perfeiçaõ; pois na verdade

ſoube

soube mais que todos, e atè mais que o mesmo Salamaõ; porque soube com vigilante affecto, e com religiosa constancia amar a Casa de Deos, e zelar a Magestade do Divino Culto, ou guardando-o perfeito, ou augmentando-o devoto.

Este o Elevado argumento desta digna Oraçaõ, e taõ elegantemente desempenhado por seu Author, que tudo nella saõ rios de Eloquencia, affluencias de Rhetorica, e torrentes de Erudiçaõ. O Rio de Janeiro, Patria deste Eximio Orador, sabia eu, que era pela immensa cópia do seu ouro superior em riqueza ao Pactolo na Lydia, ao Ganges na India, ao Hebro na Thracia, ao mesmo Tejo na Lusitania, e a outros muitos rios; agora porém acabo de reconhecer, que o seu ouro he o mais precioso, e o de mayores, e mais subidos quilátes; porque ouro tambem de sabedoria preciosa, e de eloquencia purissima, em cuja comparaçaõ todo o mais ouro perde o valor; ficando desprezado lodo, e abatida arêa. Bem o mostra o clarissimo Orador nesta sua Oraçaõ. Toda ella he hum claro profundo rio, que naõ só leva, como outros, entre suas arêas alguns bocados de ouro; mas toda ella excedendo a tudo, que há, ou póde haver precioso neste genero; he solido, e finissimo ouro, bastante a enriquecer de huma verdadeira erudiçaõ a todos, que a lerem impressa, assim como encheo de pasmos a todos, que a attenderaõ, quando recitada. Nada ha que impossibilite, nem ainda difficulte dar-se ao Prelo Oraçaõ taõ preciosa; por quanto o ouro, de que he formada, naõ tem liga com erro algum contra a fé; antes he tanto de ley, que nella se

admi-

admiraõ ; como finos quilátes ; Regios exemplos, e ſoberanas máximas para a compoſiçaõ dos bons coſtumes. Eſte o meu parecer: Voſſa Excellencia mandará o que for ſervido. Lisboa 20 de Outubro de 1751.

Joſeph Thomàs Borges.

VIſta a informaçaõ, pode-ſe imprimir, e depois torne conferido para ſe dar licença, para correr. Lisboa 3 de Novembro de 1751

D. J. A, de L.

DO

DO PAÇO.

Approvaçaõ do M R. Doutor Ignacio Barboza Machado, do Dezembargo de Sua Mageſtade, ſeu Dezembargador da Relaçaõ do Porto, Protonotario Apoſtolico participante, Juiz do Tribunal da Legacia, Academico do numero da Real Hiſtoria, e Chroniſta Geral de todas as Conquiſtas da Coroa de Portugal.

SENHOR.

POr ordem de V. Mageſtade examiney à Oraçaõ Funebre, Pagnegyrica, e Hiſtorica, que recitou o Doutor Ignacio Manoel da Coſta Maſcarenhas nas reaes, e ſolemnes Exequias, que a Irmandade dos Clerigos da Cidade de Saõ Sebaſtiaõ, Cabeça da Provincia do Rio de Janeiro, celebrou pelo deſcanço perpetuo do Auguſtiſſimo, e Fideliſſimo Rey o Senhor D. Joaõ V, de glorioſa memoria. Emprendeo eſte grande talento, gloria de ſua Patria, moſtrar com a mayor energîa o manifeſto exceſſo, que teve o coroado Salamaõ da Luſitania áquelle Principe de Iſrael, e felizmente o conſeguio com tanta força da propria elegancia, como verdade, e merecimento do Real, e alto objecto do ſeu diſcurſo; porque ſem perigo da liſonja, nem adulaçaõ da Mageſtade defunta, bem conhece, e venera o Mundo Chriſtaõ ao Senhor Rey D. Joaõ V. por mayor Princepe na Ley da Graça, do que foy Salamaõ na Eſcrita. Eſte Rey algum tempo illuſtrou o ſólio de Jeruſalem com as politicas, e moraes acçoens do ſeu governo; mas nos ultimos annos do ſeu Reynado; pre-

varicou, maculandose com as adoraçoens, e cultos das falsas divindades; e o nosso Augustissimo Senhor praticou heroicas virtudes no beneficio dos Vassallos, e da Religiaõ, e acabou, servindo do melhor exemplar de huma pura Christandade: e assim podemos sem affectaçaõ, mas com verdadeiro elogîo da sua piedade applicarlhe as palavras das Santas Escrituras do *Esse plusquam Salomon hic.* Bem procurou este excellente Orador, e cabalmente o soube desempenhar na presente Oraçaõ, este seu obsequioso pensamento, como está mostrando nas clausulas deste douto, e bem formado Panegyrico, em que por diversos principios, da historia das Escrituras, e da Oratoria fez manifestas as obsequiosas idêas, com que fez mais lamentavel ao seu nobre, e Religioso auditorio, a falta de hum taõ grande Rey, em que a Igreja perdeo Defensor acerrimo, a Monarquia Soberano justo, e os Vassallos Pay benevolo, e misericordioso. Ouviraõse naquella mais preciosa Provincia da America as vozes do Orador com as lagrimas, e ternura, a que movia a saudade de hum Rey, que traziaõ gravado nos coraçoens: e querendo agora os seus moradores, que todos os habitadores do Mundo os imitassem no culto do seu natural sentimeuto, para que Monarca taõ grande fosse levantado na redondeza do Mundo, intentaõ se imprima esta Funebre Oraçaõ. Persuadome, que naõ haverá animo taõ falto de amor a hum tal Rey, exposto em taõ sublime discurso, que lendo-o, senaõ enterneça, e cubra do funebre lucto, a que move este grande Panegyrico. Imprima-se pois, nos seus caracteres conheçaõ todos, que ainda em mudas vozes nos

 es-

eſtá perſuadindo aquelle inſigne Orador o ſentitimento, as lagrimas, e a ſaudade, a que move a perda de hum Principe, que nos deo a Providencia para gloria da Patria, e para exemplo da poſteridade. Eſte he o meu parecer, Voſſa Mageſtade mandará o que for ſervido: Lisboa 10 de Novembro de 1751.

Ignacio Barboza Machado.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo, tornará á Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença, para que corra, que ſem ella naõ correrá: Lisboa 17 de Nobembro de 1751.

Marquez P. Ataide. Vaz de Carvalho.

Sa

Salomon dormivit cum Patribus suis.
Ex 3. Regum Cap 11.

COMO se escureceo o ouro mais fino, e em lastimosa metamorfose se transmutou em funebre lucto a cor optimá, e preciosa! (Augusta, e Fidelissima Magestade, quam differente pondero a V. Magestade nesta luctuosa scena, que naquella, em que tive a honra de beijar a vossa Real maõ! Entaõ respiravaõ Magestade os alentos, e conciliavaõ veneraçaõ, e agrado as palavras; agora o silencio, em que jaz, horroriza aos circunstantes, e as sombras da morte, que a cercaõ, servem de tropeço ao discurso, e de cruel incentivo á pena dos que fielmente vos assistem.) Como se escureceo o ouro mais fino, e em lastimosa metamorfose se transmutou em funebre lucto a cor optima, e preciosa! Como se enfatuou a prudencia, e sabedoria mais consumada, e emmudeceo o Oraculo de Israel! Como impellido da fatal tormenta da morte, jaz prostrado o mais florente, e elevado cedro, que coroou o monte Siaõ! Como está de morte cor, pallido, e desfigurado o mais especioso de todos os homens, o mimo da natureza, a admiraçaõ das gentes, o assombro do Universo, o mais ditoso de todos os Principes, o mais opulento de todos os Monarcas, e o mais prudente, e sábio de todos os mortaes! Como coube na lobrega esféra de huma pequena urna toda a sabedoria, toda a magnificencia, todo o nome, e toda a Magestade de Salamaõ! *Salomon dormivit cum Patribus suis.* Catastrophe taõ lastimoso, e

 taõ

taõ inopinada mudança, que preoccupando todo o affecto para a màgoa, naõ coube na esféra intellectual do mayor, e mais internecido Profeta para o conceito, fazendo a intençaõ desmarcada, e excessiva da dor titubar o entendimento para o juizo, e inquirir admirado o mesmo, que palpavaõ os sentidos, e a experiencia. Como!

Tempo he já, humanissimos Ouvintes, de voltar a attençaõ da triste, e luctuosa lamentaçaõ de Jeremias, e do epitafio, que no sepulchro daquelle grande Monarca gravou a pena do Author das Antiguidades para este Regio, e funebre Mausoléo, em que a piedade Ecclesiastica desta Fluminense Cidade a estimulos do seu agradecimento dedica obsequiosa, e reverente consagra pios suffragios ao seu mayor Bemfeitor; Mongibelo, em que por tantas bocas, quantas as luzes, em muda Rhetorica explica os incendios, que no peito reconcentrou a mágoa; Obelisco, em que a compaixaõ pertende eternisar a saudade mais justa na ausencia do mais suspirado, e appetecido Monarca; horroroso theatro, em que da memoria passa aos nossos olhos a mais lastimosa tragedia, que chora Portugal; o mais fatal, e sensivel golpe, que lamentará sempre a Monarquia Lusitana.

Aqui se offerece á nossa ponderaçaõ eclipsado nas pallidas sombras do seu occaso o Astro de mayor grandeza do emisferio Lusitano: escurecido o ouro de mais subidos quilátes, que produziraõ as douradas ribeiras do Tejo; prostrado por terra o Cedro mais elevado do Libano Portuguez; e adormecido para sempre nesse féretro o Magnifico, Piissimo, Salamaõ da Ley da Graça. Oh dor!

Como

Como exuberando tanto a esféra do ſenſivel para a intençaõ da mágoa, naõ ſuffocas a vital para lenitivo de tanta pena, qual a que inluctou a toda a Monarquia na morte do muito Auguſto, muito Alto, e Poderoſo Rey D. Joaõ V noſſo Senhor, cujo auguſto nome ſeria a melhor Elegîa deſta luctuoſa acçaõ; porque repetido na funeſta, e horroroſa trombeta da morte, faria o mais ſenſivel, e laſtimoſo ecco nos coraçoens dos Vaſſallos, e eſtrondoſo bramido em todo o Orbe, onde com admiraçaõ foy ouvido pelas heroicas, e glorioſas acçoens, com que o magnificou, e ſublimou em ſua vida. Mas como a obrigaçaõ de Orador pede termos menos laconicos, e mais diffuſos, eſcolhi por empreza, e aſſumpto a Salamaõ dormindo com os ſeus Mayores no ſepulchro; julgando juſtamente, que ſó podia ſer jeroglyfico, e modêlo, aſſim nas acçoens da vida, como da morte, do Principe mais magnifico, que admirou o ſeculo preſente, e empunhou o ſceptro Portuguez, o Monarca mais famigerado nas ſagradas letras. E porque eſta Oraçaõ Funebre deve ſer o epitome das heroicas, e glorioſas acçoens, que obrou em ſua vida, e reſumo das virtudes, com que felicitou a ſua morte, na palavra *Salomon* moſtrarey, que foy na grandeza, e magnificencia o pacifico da Ley da graça, e com ventagens ao da Ley Eſcrita: na palavra *dormivit*, que com o exercicio das virtudes, que praticou, conſeguio, que a ſua morte com melhores ſinaes da ſua predeſtinaçaõ foſſe ſomno, e deſcanço da taréa dos trabalhos deſta vida para acordar na felicidade da eterna: *Salomon dormivit cum Patribus ſuis.*

Foy

§.

FOy a Corte de Lisboa, capital de toda a Monarquia, o feliciſſimo Oriente deſte Auguſto Monarca, e o dia vinte, e dous de Outubro de mil e ſeis centos e oitenta e nove, o primeiro, que contou de ſua idade; tempo, em que o Sol ſe retirava daquelle para eſte Polo, para moſtrar talvez que voluntariamente cedia áquelle emisferio para esféra do novo, e brilhante Aſtro, que amanhecia nos horizontes de Portugal. Foy o naſcimento de Salamaõ o deſterro das lagrimas de David, ſeu Pay, na morte do primogenito de Berſabé; o deſte noſſo Auguſtiſſimo Princepe o riſo de ſeu ſereniſſimo Pay, o deſterro das melancolîas, e funeſtas conſequencias, que ameaçavaõ a toda a Monarquia, ſubſtituindo áquelle o primogenito, que lhe roubára a morte, e a eſta o ſucceſſor, porque ſuſpirava afflicta. Foy ſem duvida dadiva da maõ Omnipotente do Altiſſimo, e deſempenho de ſua indefectivel promeſſa; porque nunca ſe conſiderou mais attenuada a Real Prole Portugueza, que antes do naſcimento deſte ſereniſſimo Princepe; nelle, ou foſſe impulſo do affecto, e lealdade Portugueza, ou preſſagio da gloria, que delle havia de reſultar a todo o Reyno, ſe ouviraõ repetidas em Portugal aquellas gratulatorias admiraçoens, que ſe divulgaraõ nas montanhas de Judéa, quando naſceo o Grande Baptiſta, que felizmente lhe impoz, e auſpicou o nome. Foraõ as primeiras inclinaçoens da ſua Real infancia para a Igreja, e ſeus miniſterios; manifeſtos indicios da piedade catholica, que com o ſer recebera de ſeus Auguſtos Pays.

Foy

Foy de proporcionada eſtatura, de agradavel, e mageſtoſo aſpecto, e naturalmente magnifico. Com menos annos, que Salamaõ; porque com pouco mais de dezaſete, ſubio ao throno de ſeus Predeceſſores, ou para moſtrar, que precedia áquelle grande Monarca na prudencia, e arte de governar, ou para que entendeſſemos, que naõ ſentiaõ os embaraços da idade os que deſtinava a Providencia para Princepes, e ſoberanos deſde o berço. No primeiro de Janeiro de mil ſetecentos e ſete foy inaugurado Rey, e coroado Monarca, e naõ ſem myſterio; porque a eſte mez preſidia, e deo o nome Jano, de cuja vontade fingiraõ os Antigos pendia a paz, e a guerra: e para inſinuarnos, que eſte Auguſto Monarca vinha tirar das mãos daquella fementida Deidade as chaves do ſeu ſuperſticioſo arbitrio, e fechar-lhe por huma vez as portas do ſeu fingido templo; com huma eſtavel, e perpetua paz ſubio a ſer dominante em Janeiro, e a ſer o Numen da paz em ſua Monarquia. Continuou com o meſmo fervor por tempo de quaſi ſeis annos a guerra, com que achou turbado o Reyno; mas foy para que com melhores, e mais ventajoſas condiçoens firmaſſe a paz. Deſembaraçado, qual outro Salamaõ, dos obſtaculos, que ſubminiſtravaõ inimigos taõ poderoſos, começou a dar evidentes moſtras, de que era o Salamaõ da Ley da Graça. A quatro prerogativas reduzio o ſagrado Eſcritor do Eccleſiaſtico o elogîo daquelle grande Monarca: que fora Pacifico, Magnifico, Opulento, e Sábio; excellencias, com que ſe adiantou aos mais Monarcas: teve ſem duvida a ventura de ſer o primeiro, e preceder ao da Ley da graça; mas eſte á glo-

gloria immortal de o emular na magnificencia, e grandeza com melhor fortuna, e mayores ventagens. Fundou a paz, que ajuſtou em mil, e ſetecentos e treze, em maximas taõ firmes, e catholicas, que já mais houve irrupçaõ, que a alteraſſe. Turbou-ſe a Europa já com a quadruple aliança contra Heſpanha, já na de França com a Baviera contra a Caſa d'Auſtria; mas a alta politica do noſſo Auguſto Monarca tomou de ſorte as medidas em conjuncturas taõ criticas, que ajudando a quaſi todas as Potencias belligerantes com o producto das ſuas Minas, conſervou inteiramente com todas o equilibrio da ſua indifferença ſem o minimo diſpendio da ſua Mageſtade, e reſpeito. Foy a eſtabilidade deſta paz effeito do inviolavel ſegredo, que guardou em todos os negocios politicos, e da prudencial eleiçaõ, com que conſervou nas Cortes eſtrangeiras Miniſtros da mais perſpicaz intelligencia, que com dexteridade executaſſem ſuas Reaes inſtruçoens, e abrindo por meyo delles com as chaves do ſeu ouro, os gabintes mais reconditos dos Princepes, venceo empenhos, que ſó os poderia terminar huma ſanguinolenta guerra, e o que neſta com deſpendio mayor, e igual perigo era contigente, foy naquella venturoſa uſura com utilidade grata a toda a Monarquia. A paz que logrou o Mundo no tempo do Naſcimento de Chriſto o intitulou Rey pacifico, e a que deu aos Iſraelitas aquelle grande Monarca lhe impoz o memoravel nome de Salamaõ, e ſe attendermos a Dion, e a Chronologia de Graveſon, quatro annos durou ſó a do Naſcimento de Chriſto; porque a rebelliaõ dos Armenios, Parthos, e Germanos, fez

fez abrir o templo de Jano no anno de ſetecentos e cincoenta e dous da fundaçaõ de Roma, e terceiro da Era Chriſtãa; a de Salamaõ no ſentir do melhor Eſcritor da ſua vida naõ durou mais de trinta dous annos; porque nos oito ultimos do ſeu governo a turbaraõ o orgulho, e rebelliaõ de Adad em Iduméa, os inſultos de Raſim em Damaſco, e a ſublevaçaõ de Jeroboaõ em Iſrael; e a que deu a ſeus Vaſſallos o incanſavel cuidado, e benefico influxo de ſua Mageſtade Fideliſſima, tem já trinta e oito de duraçaõ, e terá muito mayor pelo ſyſtema, com que deixou eſtabelecido o governo politico do Reyno. Logo com o melhor, e mais juſtificado merito adquirio o honorifico, e glorioſo titulo de Rey pacifico, e arrogou a ſi o nome de Salamaõ da Ley da Graça: *Salomon &c.*

Firmada a paz, começou o da Ley Eſcrita a dar moſtras do ſeu ardente zelo da honra de Deos, e a magnificar o ſeu nome na fabrica do celebre Templo, que em Jeruſalem edificou, para nelle ſer invocado o ſeu Santo nome: o da Ley da Graça fez tambem fundar outro Templo na Villa de Mafra para honra, e gloria do meſmo Senhor, taõ ſumptuoſo, e magnifico, que pode ſem hyperbole ſer emulaçaõ do de Jeruſalem. Teve eſte a ventura de ſer o primeiro no tempo, e por iſſo admiraçaõ do Orbe, e primeira maravilha do Univerſo: o de Mafra porém poſterior, e moderno no tempo, logra a prerogativa de ſer hum dos Santuarios mais celebres, que reſpeita, e venera o Chriſtianiſmo, e o primeiro no primor, com que o moderno emendou, e aperfeiçoou a architectura do antigo. Para a fabrica do de Jeruſalem deſcobrio a ſabedoria de

Salamaõ muitos thesouros, que estavaõ occultos nas entranhas da terra, fez vir cedros do Libano, e preciosas madeiras de varias partes: para o de Mafra, desprefando os mais ricos ébanos, e singulares violetes, que produz a nossa America Portugueza, fez o ardentissimo zelo de seu Author, que a mesma Mafra se desentranhasse nos marmores, jaspes, e porfidos mais finos, que produz a Italia, para que fosse no material mais grave, mais precioso, e mais perduravel, que o de Jerusalem. Huma, e outra obra, e architectura abalisou a magnificencia, e grandeza de seu magnifico Author; mas se attendo á Sagrada Historia, huma grande disparidade noto nos motivos de huma, e outra. Foy a de Jerusalem satisfaçaõ do preceito de David, o qual para suas expensas deixou cem mil talentos de ouro, e hum milhaõ de talentos de prata, (que chegaõ a perto de dous mil milhoens da nossa moeda, fóra ferro, e outros materiaes, que se naõ poderaõ reduzir a numero: a de Mafra sem mendigar soccorros a Hiran, chegou á sua ultima perfeiçaõ sem outro impulso, ou ajuda decusto, que a Real, e magnifica piedade, e thesouros de seu Augustissimo Author. E se aquella executada com expensas alheyas magnificou tanto, e eternisou o nome de Salamaõ, esta filha toda da Real grandeza, producto toda de riquissimos erarios do nosso Augustissimo Monarca, com quanta melhor razaõ magnificará, e eternisará o seu Augusto nome? Será na verdade o Templo de Mafra com mais duraçaõ, e melhor ventura, que o de Jerusalem, eterno merecimento de sua Real magnificencia, e immortal panegyrico de sua incomparavel piedade; padraõ, em que a

pezar

pezar das injurias do tempo leya com admiraçaõ toda a poſteridade as ſaudoſas memorias de ſeu Auguſto nome, e a Real, e incomparavel grandeza do melhor Salamaõ da Ley da Graça; o qual reconhecendo, que a Divindade, a quem adorava, era digna dos mais relevantes, e reverentes cultos, fez elevar á ſuprema Dignidade de Patriarcal a Real Collegiada de S. Thomè, proveo-a de muitos, e qualificados Miniſtros, ornou-a dos mais ricos, e precioſos ornamentos, que fez vir de varias Cortes, e no uſo, e ornato della fez ſervir ao Creador de tudo, os mais precioſos metaes, que inveja a cobiça humana. Naõ houve Graça, ou Privilegio, que para ella naõ conſeguiſſe o ſeu ardentiſſimo zelo: naõ houve artefacto de mais exquiſito primor, que a pezo de ouro naõ vieſſe compor o aceyo, e magnificencia daquella illuſtre, e nobiliſſima Baſilica; para a qual fez vir de Roma os mais deſtros, e peritos Meſtres de Ceremonias, e Ritos Romanos, tudo a fim, de que nella foſſe Santificado, e adorado o Senhor dos Senhores com o mayor culto, veneraçaõ, e grandeza, que podia caber na esféra da capacidade humana; e á cuſta de immenſas deſpezas teve a gloria de ver em ſeus dias transferida para a ſua Real Capella na Mageſtade do Culto Divino a cabeça do Mundo Catholico, e reſtituido em toda a ſua Monarquia o eſplendor dos Divinos Officios, que o deſcuido, e tibieza tinha em muita parte offuſcado. Oh ſe vieſſe a Lisboa aquella celebre Rainha de Sabá, que foy a Jeruſalem, como admirando a grandeza, com que ſe officiavaõ os Santos Sacrificios, a gravidade, e devoçaõ dos Miniſtros, o cuſtoſo dos ornamentos, o acorde da muſica, a

multiplicidade dos Cantores, e a profuzaõ dos aromas, confessaria obrigada, que o zelo ardentissimo deste Fidelissimo Salamaõ era mayor, que a sua mesma fama; porque na verdade naõ cabe na esféra de sua loquacidade a piedade, e anhelo, com que promoveo, e procurou promover a honra, veneraçaõ, e gloria de Deos. Voltaria para outra parte a attençaõ aquella Real Ethiopiza, e arrebatada da realidade dos mysterios (que aquelle Salamaõ só pôde explicar-lhe em figura) da pompa, e Magestade, com que era levado o mesmo Deos de Israel pelas ruas, do ornato dellas, da boa ordem, silencio, e gravidade, com que caminhavaõ processionalmente attentas, e devotas tantos milhares de pessoas, da profuzaõ das luzes, e da suavidade dos canticos, forte, e suavemente attrahida da Santidade, e devoçaõ, que inspiravaõ actos taõ pios, e catholicos, publicaria, que era grande, e verdadeiro o Deos de Portugal, a quem tributavaõ taõ honorificos cultos; e que o Salamaõ da Ley da Graça excedia tanto ao da Escrita, quanto vay da realidade á figura, e da sombra á verdade. No Gram Pará mandou erigir huma Cathedral com tanta pompa, e magnificencia, que o seu primeiro Prelado, D. Fr. Bartholomeu do Pilar, lhe foy supplicar a quizesse modificar; porque naõ poderia caber nas consignaçoens do concelho, por onde se mandava fazer a despeza. Porém mandando expedir as ordens necessarias fez executar, quanto a sua grandeza tinha ordenado, e accrescentou mais oito beneficios, a cujo titulo se pudessem ordenar os meninos do Coro, ou outros, que por falta de patrimonio, naõ poderiaõ entrar a servir aquella Igreja,

Naõ

Naõ ſe clauſulou no ambito da ſua Monarquia, como os de Salamaõ, os monumentos da ſua grande piedade. Aos lugares Santos de Jeruſalem offereceo hum precioſo ornato para toda a Igreja, e huma rica Cuſtodia, para que a hi foſſe cofre da mayor riqueza, que tem a Igreja Militante, e memorial eterno da ſua Real magnificencia. Roma depois que perdeo aos ſeus Ceſares, nunca vio tanta cópia de ouro, quanta a liberalidade deſte pio Monarca fez apparecer em extraordinarios donativos naquella Capital do Mundo; de ſorte, que obrigados ſeus moradores de taõ ampla generoſidade, e outros beneficios, confeſſaraõ, que neſte grande Monarca reſuſcitaraõ para elles as affabilidades de Tito, e as delicias de Roma. A Santidade do Papa Clemente XI tomando o pulſo ás intençoens piedoſas deſte grande, e magnifico Monarca, e do quanto era benemerito á Sé Apoſtolica, naõ duvidou affirmar no Sacro Collegio, que eſte grande Princepe fora eſpecialmente mandado por Deos para enriquecer com os ſeus extraordinarios donativos os Sanctuarios de Roma, e para proteger a toda a Igreja em ſua Cabeça, e livrar com o poder das ſuas armas de ſerem profanados os ſeus Altares; ſacrilegio, que certamente choraria toda Italia, ſe as Quinas Portuguezas, tremulando vitorioſas no Levante, naõ embaraçaſſem os projectos do Graõ Turco, que tomada Corfu, intentava hum deſembarque na Italia, e huma ſanguinolenta invaſaõ nos Eſtados da Igreja, em cujos annaes ſerá eterna a confiſſaõ deſte beneficio.

He litigioſa queſtaõ: Se foy Salamaõ o mais rico, e opulento de todos os Monarcas do Mundo,

ou ſó dos que houve em Iſrael ? Para eſta parte inclina o melhor, e mais prudente raciocinio dos Authores; porque Nabuco, Cyro, Alexandre, e Auguſto, foraõ iguaes, e ſuperiores a Salamaõ na gloria, e opulencia: e quem poderá duvidar, que foy eſte Auguſtiſſimo Salamaõ da Ley da Graça o mais poderoſo, e opulento de todos ſeus Predeceſſores, e ſuperior na riqueza ao da Ley Eſcrita ? Todo o computo do ouro, que de Ophir recolheo a Jeruſalem eſte grande Monarca, dizem as ſagradas letras, que fora o valor de quatro centos e cincoenta talentos de ouro, que pela conta Hebréa, de mil, e quinhentas onças por talento, chegaria a ſomma de cento, e ſeſſenta e dous milhoens da noſſa moeda; e ſe a politica, e modeſtia permittiſſe ſommar a importancia de quarenta, e huma frotas, que da noſſa America ſe recolheraõ no Tejo, no Reynado deſte Fideliſſimo Monarca, conhecerieis com evidencia o exceſſo, que fez na opulencia ao de Jeruſalem. O certo he, que em materias de riquezas deitou a barra, onde naõ chegaraõ as dos mais Monarcas; porque as do ſeu ouro chegaraõ ás partes mais remotas, e fizeraõ conhecida, e reſpeitada em todo o Orbe a ſua Auguſta Peſſoa, e o ſeu nome. Em huma palavra, para enriquecer aquelle Salamaõ deſtinou a Providencia a Ophir, que ſe naõ ſabe já, ſe foy Sumatra, Sufala, ou Trapobana, e para fazer opulento ao da Ley da graça, reſervou hum novo Mundo, que deſentranhado, ſó no tempo do ſeu governo em taõ prodigioſa cópia de ouro, diamantes, e outras pedras precioſas, tem admirado a todas as Naçoens, e em todo o Orbe dado a conhecer a felicidade, e opulencia, com

que

que o Senhor se dignou enriquecer o seu Reynado, no qual seguindo o dictame do Profeta Rey, foy sempre senhor dos seus thesouros; porque delles usou com tanta prudencia, e temperança, que gastando com taõ larga maõ a sua magnifica liberalidade, deixou sempre sóbras, com que livrasse aos Vassallos de impostos, e gabellas; ventura, que naõ pôde conseguir o luxo, e prodigalidade do da Ley Escrita, em cuja morte só fazem mençaõ as Sagradas Letras dos clamores, com que os Hebreos pediaõ alivio de taõ pezados tributos, e exàcçoens, quando os soluços, com que ainda hoje suspira afflicta toda a Monarquia na morte deste piedosissimo Rey, bem deixaõ perceber a ventagem, com que se elevou na piedade, e opulencia á aquelle famigerado Monarca.

Foy sua Magestade Fidelissima dotado de huma vasta, e profunda comprehençaõ, e dexteridade para os negocios politicos, pela qual adquirio com a noticia das sciencias economicas, e grande erudiçaõ da historia, huma perfeita pericia de governar, que he a mayor de todas as artes. Foy sem hyperbole Licurgo na paz, Trajano na rectidaõ, e na politica, e manejo dos negocios Cesar. Sobre Leys justas, que fez observar, estabeleceo a boa administraçaõ, e respeito da Justiça, e com a prohibiçaõ da authoridade dos Patronos conservou inflexiveis as suas varas, e que sem excepçaõ de pessoas désse a cada hum, o que era seu. Para os ministerios publicos preferio quasi sempre os talentos, e capacidades proprias aos merecimentos dos antepassados, maxima, que naõ felicitou pouco a conclusaõ dos negocios, e boa harmonia, e direçaõ do governo

governo. Offereceo naõ pequenos cultos ao templo de Minerva, assim no affecto, com que amou, e estimou as sciencias, e as fez florecer nos seus dominios, como na generosidade, com que recebeo, e tratou sempre os seus Alumnos; e na Academia da Historia, que instituhio em seus Paços, edificou à sabedoria Templo mais jucundo, que o que lhe consagrou Salamaõ em Jerusalem; porque multiplicando em si o mystico, e perfeitissimo numero das sete columnas, em que aquelle fora fundado, sobre a solida, e profunda erudiçaõ de quarenta, e nove, ou cincoenta Academicos do numero, firmou deliciosa habitaçaõ ás Artes, e boas letras em seu Reyno. Na Academia de Jerusalem disputou aquelle Salamaõ da natureza, e qualidades dos brutos, aves, e arvores, desde o cedro do Libano até o humilde hyssopo, que nasce nas paredes: na de Lisboa, tratou, e disputou o da Ley da Graça por tantas bocas, quantos os Academicos, de objecto muito mais nobre, quaes as virtudes, e gloriosas acçoens de tantos Heroes insignes, que nos precederaõ em letras, e armas. Daquella só nos restaõ pequenas reliquias, do que consumio o tempo, e abrasou o fogo Caldaico: esta fazendo cruel guerra ao tempo, e ao esquecimento na producçaõ admiravel de tantos volumes, tem restituido, e restituirá á Historia innumeraveis simulacros da verdade depurados nas brázas do mais rigido criterio da minima sombra da mentira, e falsidade; e tem collocado já no templo da immortalidade para nossa edificaçaõ, e estimulo tantas estatuas, e figuras, quantas as virtudes, e facçoens heroicas, que jaziaõ

sub-

ſubmergidas no caliginoſo diſcurſo de tantos ſeculos. A ſabedoria de Salamaõ caducou com o tempo, e enfatuou-ſe com a velhice: a de ſua Mageſtade Fideliſſima, porque fundada no mais profundo reſpeito ás Leys do Altiſſimo, e gratificaçaõ aos Divinos beneficios, que no dictame de David e Seneca ſaõ os melhores fundamentos da ſciencia; creſceo com as experiencias do tempo, e cultura dos annos a conſtituillo hum Varaõ perfeitiſſimo, recopilaçaõ de todos os Heroes mais famoſos, de que faz mençaõ a Hiſtoria, jeroglifico da heroicidade, modélo para todos os ſeus vindouros, e honorifica emulaçaõ da paz, magnificencia, opulencia, e ſabedoria daquelle grande Monarca Salamaõ; cujo nome uſurpou (naõ com pequena uſura) com a glorioſa ſerie das acçoens da ſua vida: *Salomon.*

Caducou em fim toda aquella gloria, porque era mundana; anniquilouſe toda aquella magnificencia, porque era temporal; e deſvaneceoſe toda aquella ſabedoria, porque era humana: e depois de ſeſſenta annos de idade, e quarenta completos de governo, opprimido do pezo de ſua meſma mortalidade, cahio adormecido no ſepulchro de ſeus Pays o mayor Monarca do teſtamento velho: *Dormivit cum Patribus ſuis.* Nos ultimos oito annos de ſua vida o tocou a maõ do Altiſſimo com a tribulaçaõ de varios infortunios, e purificado nelles das fezes da culpa no ſentir do Doutor Maximo, e outros, coroou com o deſcanço, e felicidade de huma boa morte as acçoens heroicas, e glorioſas da ſua vida. Iſto nos inſinua o ſomno, com que as Sagradas letras nos indicaõ a ſua

e mor-

morte, que no ſentir dos Sagrados Interpretes he ſomno a morte dos que haõ de reſuſcitar á melhor vida. Sua Mageſtade Fideliſſima, cuja vida foy glorioſa emulaçaõ das heroicas acçoens daquelle grande Monarca, foy outro Salamaõ na felicidade da morte. Seſſenta annos, nove mezes, e nove dias contava de idade, e quaſi quarenta e quatro de feliciſſimo governo, quando eclipſado nos accidentes mortaes da ſua queixa, ſepultou-ſe como Sol no amargoſiſſimo mar de lagrimas, em que deixou toda aquella numeroſa Corte. Oh Parca inexoravel, como naõ culparemos juſtamente a tua tyrannia; pois com hum ſó golpe mortificaſte, e tyranniſaſte tantas vidas, e com huma ſó morte, que executaſte, enluctaſte a gloria de huma Monarquia inteira! Tocou-lhe na parte, que tinha de humano, e cahio precipitado no abyſmo tenebroſo deſſa urna, quanto ſobre elle tinha elevado a intelligencia, e induſtria humana. Oh miſera condiçaõ da natureza humana, quem ſoubera ponderar profundamente a tua fragilidade para deſengano da noſſa vaidade! Pouco mais de oito annos antes deſte fatal accidente o tocou, como a Salamaõ, a Poderoſa maõ do Altiſſimo com a moleſtia de huma paralyſia, e inferindo deſta paternal correcçaõ a amoroſa attençaõ, com que aquelle benigno Pay o tratava, procurou dar mais ardentes provas do ſeu Real agradecimento no ardentiſſimo zelo, com que procurou perpetuar a obra da Patriarcal, que tinha inſtituido, com eſtabilidade das rendas, e frutos, que aſſinou a taõ illuſtre, e numeroſo Cabido: aumentou com magnificencia igual á ſua Real grandeza a Capella

de

de N. Senhora das Neceſſidades em Alcantara, com a qual teve ſempre eſpecial devoçaõ: dividio eſte em mais dous Biſpados: multiplicou os Miniſtros, accreſcentou as congruas á cuſta de extraordinarias deſpezas, ſó para que ſe multiplicaſſe o obſequio, culto, e veneraçaõ á ſuprema Mageſtade; ſendo a profuſaõ, e liberalidade, com que gaſtava com Deos, e com ſeus Templos o mais irrefragavel teſtimunho da Caridade Divina, que ardia, e occultava em ſeu auguſto peito. Viveo ſempre lembrado do conſelho, que déra a Nabucodonoſor o grande Profeta Daniel, e por iſſo cuidou em todo o tempo de ſua vida com eſmolas, e obras de caridade, expiar-ſe das ſuas culpas. Nenhuma peſſoa honrada, e honeſta chegou neceſſitada a ſeus Reaes pés, que naõ ſahiſſe largamente remediada: e porque naõ ſoubeſſe ſua mão eſquerda a Real liberalidade, com que a direita beneficiava aos pobres, a titulo de ajudas de cuſto, e ſoldos adiantados, fez groſſas, e largas eſmolas a muitas peſſoas, que pela ſua graduaçaõ pareciaõ naõ neceſſitar dellas: conſervou ſempre em mãos de peſſoas pias ſommas conſideraveis para ſoccorro daquellas peſſoas, ás quaes por ſerem recolhidas, e impoſſibilitadas, ſe lhes difficultava o acceſſo a ſua Real piedade, a qual eſtimulada agora com os nuncios da morte, que em cada accidente da queixa amiudadamente recebia, cuidou em dilatar a mayor esféra ſua Real piedade, fazendo prover por criados da ſua confidencia aos Parachos das Freguezias mais pobres, e remotas, para que em todo o Reyno, e com todos os pobres delle exercitaſſe obra de taõ excellente

 ca-

caridade: e se esta, como affirmaõ os Dogmas da Fé, apaga a multidaõ dos peccados; e a esmola como agua extingue a culpa, quam expiado dos reatos das suas se naõ acharia em sua morte o nosso Fidelissimo Monarca taõ caritativo, e esmoler? Ao Grande Bispo Turonense fez Christo escrever no livro da vida, e cathalogo dos Santos, porque huma vez o vestio com ametade de sua capa na pessoa de hum pobre em Ambiani; e com quam sereno, e piedoso aspecto, com que festivas gratulaçoens receberia o Supremo Juiz na hora da conta a este piedosissimo Monarca, lembrado das muitas vezes, que o vestio, e lhe matou a fóme, e sede nas pessoas de tantas viuvas honestas, e recolhidas que favoreceo, e sustentou; nas de tantas orfaãs, e donzellas, cujas honras conservou com suas esmolas; e nas pessoas de tantos particulares, aos quaes a sua Real, e benefica caridade saciou, e fez bem: faltariaõ primeiro os Ceos, e a terra, que o desempenho da promessa do Senhor na retribuiçaõ da vida eterna a hum taõ magnifico, e catholico Bemfeitor dos pobres.

Naõ só com os necessitados da Igreja Militante, mas tambem com os da paciente exercitou este piissimo Rey a sua grande caridade. Considerava a extrema necessidade, em que estavaõ no Purgatorio as Almas, sem outro bem, e soccorro, que os Suffragios dos Fieis: e cõmovidas aquellas Reaes entranhas, cheyas todas de piedade, e misericordia, tomou por sua conta o alivio dellas. Ouvi dizer a pessoa fidedigna, que a despeza annual de Missas, e Suffragios, que por ellas fazia offerecer, chegava regularmente a doze mil cruzados, fóra as de re-

mu-

muneraçaõ de algum beneficio, que por interceſſaõ dellas conſeguio Naõ esfriáraõ os ardores de taõ abrazada caridade as afflicçoens de huma taõ prolongada moleſtia, antes como a luz, que entre os paraciſmos de acabar ſe illuſtra mais, esforçou entaõ mais as ſupplicas, e multiplicou na Curia as rogativas, até que moveo ao Supremo Paſtor a facultar, que no anno da Bulla ſe pudeſſem tomar de defuntos, as que a devoçaõ, e piedade dos Fies quizeſſe applicar; e que os Sacerdotes, aſſim Seculares, como Regulares, pudeſſem em todos os ſeus dominios celebrar tres Miſſas no dia da Cõmemoraçaõ dos Fieis em beneficio das meſmas Almas: e de quantos jubilos, e conſolaçoens naõ encheria aquelle Auguſtiſſimo coraçaõ eſta Graça Apoſtolica, conſiderando dilatada, eſtabelecida, e perpetuada em toda a Igreja Portugueza obra de taõ excellente caridade, e miſericordia, que com tanta devoçaõ praticou em toda a vida. Contentou-ſe a piedade da Igreja Univerſal ſoccorrer aquelles filhos com o Suffragio de huma ſó Miſſa naquelle dia; mas naõ a deſte Piiſſimo Rey, em quanto naõ conſeguio deixar em ſeus Reynos triplicado eſte Suffragio, e gravado neſta piedoſa acçaõ, que a fraternal compaixaõ, que tinha daquelles proximos, era mais ardente, que a materna; e a miſericordia, que com elles uſava, mais ampla, e dilatada, que a de toda a Igreja: e a quantos milhares de Almas naõ aliviaria daquellas penas, e lhes apreſſaria a poſſe daquella ſumma felicidade, que agora logràõ na preſença de Deos. O meſmo Senhor o ſabe: o que vos poſſo ſegurar he, que outros tantos interceſſores, e patronos da ſua ſalva-

çaõ enviou,e prevenio naquelle gloriofo Empyreo, onde na moleftia defte Fideliffimo Monarca fuccederia diante do Supremo tribunal o mefmo, que na enfermidade do fervo do Centurio em Capharnaum: recorreraõ alli os Difcipulos ao Divino Meftre, huns allegavaõ, que o Centurio edificara hume fynagoga ao povo; outros, que era benemerito, e amante da gente Ifraelitica, procurando todos em remuneraçaõ do merito do Centurio a faude, que appeteciaõ para o criado. A primeira, que chegaria àquelle Supremo Confiftorio, feria a Humanidade Santiffima de Chrifto, e nelle exporia a favor da faude efpiritual defte Piiffimo Monarca o culto magnifico, que lhe preftou, e fez preftar em feus dominios; a folẽnidade, e pompa, com que o adorou, e fez adorar no Sacramento da Euchariftia; a piedade, com que multiplicou os Córos, e Miniftros, em que quotidianamente era louvado. A Suprema Rainha dos Anjos aprefentaria o decreto, que em mil fetecentos, e dezafete mandou paffar a todas as Cathedraes, e Collegiadas do feu Reyno, para que celebraffem com a mayor folẽnidade o myfterio da fua Conceiçaõ Puriffima; o juramento, com que ratificou publicamente o de feu glorioso Avô de defendelo até dar a vida pela fua verdade; a inftancia, que a fua Real piedade fez na Curia para declararfe por myfterio de Fé; o annual obfequio, que na Real Capella preftava ás fuas dores, anguftias, e outras muitas obras, com que illuftrou a fervorofa devoçaõ, que teve fempre a efta foberana Senhora. Chegaria o Grande Patriarca S. Jofeph, e por fua parte aprefentaria o grande zelo, com que efte Fideliffimo Monarca fez

co-

conhecer em todos os seus dominios o seu grande Patrocinio, e frequentar a sua Novena. Represen-taria o nosso grande Portuguez o grande, e sump-tuoso Templo, que erigio ao mesmo Senhor em seu nome, a decencia, com que actualmente era nelle louvado o seu Santo nome. O Anjo da Gu-arda represantaria a favor deste seu Fidelissimo Cliente o Officio Divino, que por devoçaõ quoti-dianamente recitava; as muitas noites, que foy oc-culto rezar as Matinas com os Religiosos de S. Pe-dro de Alcantara, e de Mafra; a frequencia, e devo-çaõ, com q̃ o seu respeito fez recitar as Horas Cano-nicas áquelles Religiosos, e as peculiares orações, e devoçoens, que rezava, de que a sua modestia nos naõ deixou noticias; o zelo, com que procurou a di-lataçaõ da Fé no cuidado, e dispendio, com que fo-mentou as missões na India, e nesta America. Muitos dos Bemaventurados offereceriaõ naquelle supre-mo Tribunal os Suffragios, e Indulgencias, com que os libertou das penas, que padeceraõ; outros os Sa-crificios, com que lhes expiou os reatos da culpa, e os poz naquelle Felicissimo estado. Em fim todos os Celicolas daquella Triunfante Igreja apresenta-riaõ a gloria accidental, que deo a Deos, accrescen-tando-a com os muitos, que fez subir do Purgatorio, mediante as Bullas, e outras oblaçoens, com que as suffragou. E se vale muito na presença de Deos, conforme a Canonica de Santiago, a deprecaçaõ conti-nua de hum justo, quanto a de tantos, e da primei-ra graduaçaõ naquelle Empyreo: annuindo certa-mente aos votos de taõ multiplicados intercessores a infinita bondade de Deos, inclinada sempre a fa-zer bem, sempre admiravel em seus Santos, e de-

pre-

precavel ſobre os ſeus ſervos, revogaria ſem duvida os decretos da preſente Juſtiça, e lhe conferiria auxilios efficazes, ou em taõ opportuna occaſiaõ, que abraçando-os, paſſaria do eſtado de peccador ao feliciſſimo de penitente, com que ſeguraria a graça final; e como o ſervo do Centurio, teria a fortuna de conſeguir a ſaude d'alma, e a vida eterna, pela qual deprecavaõ tantos.

Pouco antes da ſua morte remunerou a Santa Sé Apoſtolica os beneficios, que tinha deſte Auguſto Monarca recebido, com o honorifico titulo de *Fideliſſimo*; e naõ ſem eſpecial providencia, quanto ao tempo. No Apocalypſé eſtá promettida huma coroa de vida eterna, ao que for fiel até á morte: e para inſinuarnos, que era digno daquella laureola, reſervou com advertencia o Oraculo da viva voz para eſte tempo denominaçaõ taõ honorifica, para que certificados pela infallibilidade da Igreja, que fora fiel, e Fideliſſimo até o fim da vida, tiveſſemos a conſolaçaõ, de q̃ ſoube trocar em ſua morte a coroa temporal pela eterna. Aſſim piamente nos perſuadem as heroicas virtudes, que praticou em ſua vida eſte Piiſſimo Monarca, o qual opprimido com o pezo da moleſtia, que por inſtantes ſe engraveſcia, deſenganado da vaidade, e de toda a gloria mundana, riſignado todo na vontade do Altiſſimo, purificado na paciencia, com que ſoffreo conſtante as affliçóes da moleſtia, e agonias da morte, entre ardentiſſimas jaculatorias, e actos de piedade Catholica, com mais ſeguros indicios da ſua ſalvaçaõ adormeceo, como Salamaõ, com ſeus Auguſtos Pays, e Predeceſſores no Occaſo do ſepulchro, para acordar, glorioſo no Oriente de outra melhor vida, na qual deſcançará para ſempre: *Salomon dormivit cum Patribus ſuis*: Amen.